

humanitas

Vol. XXIX-XXX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIX-XXX



COIMBRA

MCMLXXVII-MCMLXXVIII

E. R. DODDS, *Missing Persons. An Autobiography*. At the Clarendon Press: Oxford University Press. Oxford, 1977. X + 202 pp. e 9 ilustrações.

Escrever uma autobiografia é frequentemente um acto de narcisismo, em que cada um procura compor o melhor possível a sua *persona*, no sentido jungiano do termo. Daí o reduzido interesse documental que geralmente apresentam e a sensação de estreiteza de horizontes em que se move a trama de uma história em que só o narrador avulta.

Nenhum destes defeitos se encontra no livro do Professor Dodds. Pelo contrário, uma objectividade implacavelmente lúcida preside à análise dos vários *eus* que se definiram através da sua acidentada vida, sofrendo transformações tão profundas que os seus sucessivos modos de ser são por ele encarados como «Desaparecidos» (*Missing Persons*). Por outro lado, uma ligação inextricável com os grandes acontecimentos do século (entre eles o desencadear das duas Grandes Guerras e o conflito da independência da Irlanda, sua terra natal) proporciona ângulos de visão complementares de uma época fortemente conturbada. «Evoquei estes fantasmas que rapidamente se desvanecem, não por si mesmos ou porque desejava a sua companhia (que por vezes não era nada bem-vinda), mas como uma amostra de alguns modos pelos quais a história pública marcou as vidas pessoais de homens do séc. XX» — escreve o Autor na p. 192.

Nesses graves acontecimentos, a sua figura aparece-nos profundamente empenhada, como homem de acção sempre pronto a intervir: quer como ajudante de enfermeiro na Sérvia, quer como presidente de uma Comissão de Emergência de serviço cívico, em Oxford, para acudir às necessidades prementes dos evacuados dos bombardeamentos de Londres; ou ainda, no plano docente, que era o seu desde os tempos longínquos de assistente em Reading, visitando, encorajando e fazendo reviver a *chama da ciência na sua missão oficial às Universidades chinesas, em 1942-43, ou às Universidades alemãs, em reconstrução no após-guerra.*

Mas este homem de acção é também, e acima de tudo, um homem de pensamento e um artista da palavra, que conta entre os privilégios que a vida lhe concedeu o contacto com as quatro maiores poetas do seu tempo: Eliot, Yeats, Auden e Mac-Neice. Particularmente sugestiva é a forma como narra o seu encontro com o primeiro, num Seminário de J. A. Stewart sobre Plotino, em Oxford. «O número de membros do Seminário era inicialmente de seis, mas, como Stewart se revelou um professor pouco interessante, rapidamente baixou para dois. Eu era um dos dois; o outro era um jovem Americano ultimamente chegado da Escola para Graduados de Harvard. Por atenção para com os sentimentos de Stewart, se não por outra razão, sentimo-nos compelidos a continuar a frequentá-lo, e, quando saíamos da aula, naturalmente púnhamo-nos a conversar. O Americano era um homem tranquilo e reservado, mais velho do que eu uns anos, que estava a preparar uma tese para Harvard sobre a filosofia de F. H. Bradley. Como eu, estava seriamente interessado em experiências místicas. Mas o que me admirou, quando passei a conhecê-lo melhor, foi o seu vasto conhecimento da literatura europeia contem-

porânea, em especial da poesia, que gradualmente revelou. Um dia, então, confessou-me timidamente que tinha escrito ele mesmo alguns poemas. Disse-lhe que um pequeno grupo nosso — a ‘Coterie’ — estava habituado a reunir-se à noite com a finalidade de lermos os nossos poemas uns aos outros e de os reduzirmos criticamente a bocados. Quereria ele ler-nos algo de seu? Concordou, e, poucos dias depois, «The Love Song of J. Alfred Prufrock», obra inédita de T. S. Eliot, foi lido pelo seu autor, pela primeira vez, a um auditório britânico. Não o reduzimos a bocados. Ficámos espantados e, é certo, um tanto perplexos, mas menos perplexos do que entusiasmados.» (p. 40).

A citação foi um pouco longa, mas julgo que terá tido a vantagem de iluminar simultaneamente a sugestiva forma de narrar do autor, o ambiente literário dos estudantes de Oxford e ainda, por acréscimo, o perfil de um jovem que viria a ser um dos maiores poetas do nosso tempo.

A evocação do meio universitário de Oxford, suas alterações em função das duas Grandes Guerras e subsequentes mutações sociais, é um foco de interesse não pequeno para os estudiosos da cultura em geral, e mais ainda para quem, como a autora destas linhas, teve a felicidade e a honra de o frequentar, justamente na altura em que a fama do Régio Professor de Grego, seu director de estudos, atingia a dimensão universal. Acolhendo estudantes britânicos ou estrangeiros com uma paciente bonomia, harmonizava um inflexível culto pelo rigor científico com a capacidade de descobrir aspectos e relações novas que destruíam as doutrinas tradicionalmente aceites. Muitas gerações de estudantes seguiram pelo caminho por ele aberto e, com o seu exemplo, os Estudos Clássicos ganharam novo interesse, ao fazerem descobrir, cada vez melhor, no *Homo Graecus* o homem de sempre. Preludiado em artigos como «Eurípides the Irrationalist» (*Classical Review* 43, 1929, reimpresso em *The Ancient Concept of Progress*, Oxford, 1973) e «Telepathy and Clairvoyance in Classical Antiquity» (in *Greek Poetry and Life*, Oxford, 1936), e ainda pela sua admirável edição comentada das *Bacantes* de Eurípides (Oxford, 1944), o interesse pelos lados obscuros da *psyche* humana levou-o ao que é talvez o mais célebre dos seus livros, *The Greeks and the Irrational* (Berkeley, 1951), hoje traduzido em francês, alemão, italiano e espanhol.

Modestamente, o Prof. Dodds explica assim o êxito dessa sua obra: «O público culto da Europa, assim como o da América, estava a ficar cansado de ouvir os Gregos apresentados como racionalistas-modelo, precursores da visão científica moderna, e ficou satisfeito por lhe dizerem que também eles, como nós, lutaram à sua maneira com os elementos mais sombrios e menos racionais da experiência humana» (p. 181). E, com a sua tradicional auto-ironia, comenta: «Como Focião, quando uma vez a multidão o aplaudiu, perguntei de entrada a mim mesmo que ‘bêtise’ cometera; mas, nesse ponto, as recensões críticas mostraram-se, na generalidade, tranquilizadoras» (*ibidem*). A razão do sucesso estava dada, aliás, algumas linhas acima, nesta sua frase magistral que define a atitude de espírito do verdadeiro historiador da cultura: «O trabalho parecia-me valer a pena, porquanto, ao tentar compreender o mundo grego antigo, estava também a tentar, como sempre o tinha feito, compreender um pouco melhor o mundo em que eu vivia.» (pp. 180-181).

De grande interesse, para o classicista em especial, são os passos — não muito longos, mas densos de experiência vivida e reflectida — em que se refere ao futuro dos Estudos Clássicos (pp. 173-178). É, aliás, nessa série de reflexões, que começam

por observações de ordem geral sobre o novo «comprehensive system» (em que reconhece vantagens) e a imposição de «igualdade de tratamento a pessoas desiguais» que brilha uma daquelas sentenças que devem fazer pensar todo o educador: «Se democracia significava obstruir o progresso dos inteligentes no suposto interesse dos estúpidos, então eu não era um democrata» (p. 173).

Em relação aos Clássicos, e retomando o que já exprimira num discurso na Universidade de Leicester, «Classical Teaching in an Altered Climate» (London, 1964), recomenda que se proporcione aos alunos, quer no ensino secundário quer no superior, «o mais directo e rápido acesso que as condições o permitam a certas obras-primas literárias reconhecidas como tal». Num tempo em que os estalões críticos caem numa confusão total, a ponto de o homem culto mal saber distinguir a boa da má literatura, os grandes escritores clássicos devem oferecer, não modelos, mas pontos de referência, «um bocado de terra firme no fluxo da opinião». O segundo objectivo proposto é «alargar a compreensão da sociedade humana pelos homens, os seus perigos e possibilidades, introduzindo-os a certa altura no conhecimento de pelo menos certas fases e aspectos da antiga cultura mediterrânea que é mãe da sua própria».

A consecução destes objectivos traz consigo o problema do acesso directo aos textos e da função das traduções. Referindo as experiências correntes nos Estados Unidos e em certas Universidades novas inglesas, de ler os grandes autores gregos e latinos indirectamente, mostra como um conhecimento profundo dos filósofos não pode obter-se por essa via, e muito menos o dos poetas. «Em cada poema bem sucedido, palavras e sentido são gémeos inseparáveis» (p. 175). A esta questão liga-se a dos principiantes mais velhos, fenómeno corrente nos dias de hoje, que levou as Universidades a instituírem cursos de Grego especiais para essa qualidade de alunos. Concentração num só alvo, o de aprender a ler Grego, é o conselho experimentado do Mestre, e «tudo o que não serve directamente este propósito deve ser sacrificado» (p. 176). O interesse suscitado por tais cursos, demonstra-o a procura da «Summer School for Greek-Beginners», anualmente aberta, por algumas semanas, em Cheltenham, e frequentada com êxito crescente por alunos dos quinze aos cinquenta anos, ou mais.

Se insistimos mais nestes pontos, foi porque pretendemos dar ideia do valor do livro para os especialistas da Antiguidade Clássica, e da vantagem que podem auferir da sua leitura. Mas a autobiografia do Prof. Dodds não é menos cativante para os cultores da antropologia e da psicologia, ciências que tanto fecundaram os seus trabalhos. E importa ainda, acima de tudo, para os que buscam uma visão lúcida e de múltiplas facetas de uma fase complexa da história da humanidade, que é precisamente a nossa, e no meio da qual se move esta figura de helenista distinto entre todos, um sábio e um homem ao mesmo tempo.

M. H. ROCHA PEREIRA